

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ  
Comissão Executiva do Vestibular

# VESTIBULAR 2014.2

## REDAÇÃO/LÍNGUA PORTUGUESA

2ª FASE - 1º DIA: 20 DE JULHO DE 2014

DURAÇÃO: 04 HORAS

INÍCIO: 09 horas

TÉRMINO: 13 horas



Após receber o seu **cartão-resposta**, copie, nos locais apropriados, uma vez com **letra cursiva** e outra, com **letra de forma**, a seguinte frase:

*Bom ânimo produz vencedores.*

### ATENÇÃO!

**Este caderno de provas contém:**

- Prova I – Redação;
- Prova II – Língua Portuguesa, com 20 questões;
- Folha Definitiva de Redação (encartada).

**Ao sair definitivamente da sala, o candidato deverá assinar a folha de presença e entregar ao fiscal de mesa:**

- o CARTÃO-RESPOSTA preenchido e assinado;
- a FOLHA DEFINITIVA DE REDAÇÃO;
- o CADERNO DE PROVAS.

**Será atribuída nota zero, na prova correspondente, ao candidato que não entregar seu cartão-resposta ou sua folha definitiva de redação.**

#### NÚMERO DO GABARITO

Marque, no local apropriado do seu cartão-resposta, o número 3, que é o número do gabarito deste caderno de provas e que se encontra indicado no rodapé de cada página.

**OUTRAS INFORMAÇÕES PARA A REALIZAÇÃO DAS PROVAS ENCONTRAM-SE NA FOLHA DE INSTRUÇÕES QUE VOCÊ RECEBEU AO INGRESSAR NA SALA DE PROVA.**

## RASCUNHO DA REDAÇÃO

Se desejar, utilize esta página para o rascunho de sua redação. Não se esqueça de transcrever o seu trabalho para a folha específica da Prova de Redação.

**Esta página não será objeto de correção.**

NÃO ESCREVA  
NAS COLUNAS  
T e F

		T	F
	01		
	02		
	03		
	04		
	05		
	06		
	07		
	08		
	09		
	10		
	11		
	12		
	13		
	14		
	15		
	16		
	17		
	18		
	19		
	20		
	21		
	22		
	23		
	24		
	25		
<b>TOTAL</b>			

## PROVA I: REDAÇÃO

Prezado(a) vestibulando(a),

Considerando a perspectiva de reflexão sobre a realidade, que vem orientando as propostas de escrita dos vestibulares da UECE, propomos, como ponto de partida para o desenvolvimento desta prova, o tema geral **MITO**, um conceito abrangente que pode ser abordado sob diferentes pontos de vista.

Como primeiro procedimento para o desenvolvimento de sua prova, leia os textos de 1 a 5, que tratam dessa temática de forma direta ou indireta.

### Texto 1

#### Mito

- relato fantástico [...] protagonizado por seres que encarnam, sob forma simbólica, as forças da natureza e os aspectos gerais da condição humana; lenda, fábula, mitologia
- representação de fatos e/ou personagens históricos, freq. deformados, amplificados através do imaginário coletivo e de longas tradições literárias orais ou escritas
- exposição alegórica de uma ideia qualquer, de uma doutrina ou teoria filosófica; fábula, alegoria
- construção mental de algo idealizado, sem comprovação prática; ideia, estereótipo
- valor social ou moral questionável, porém decisivo para o comportamento dos grupos humanos em determinada época; mitologia
- afirmação fantasiosa, inverídica, que é disseminada com fins de dominação, difamatórios, propagandísticos, como guerra psicológica ou ideológica; mitologia

Adaptado de Houaiss, p. 1936.

### Texto 2

No texto "Desafios da ética", que aborda a ética no jornalismo, os autores Miguel Pereira e Fernando Ferreira afirmam: "No momento em que o jornalista escolhe uma pauta ou recebe uma de seu editor, começam seus dilemas éticos. Não exatamente pelo conteúdo de seu tema, mas pelos métodos que elabora para a sua apuração. É comum o uso do que está à mão como primeira investida. No entanto, a checagem correta da informação exige o rigor absoluto da verdade como norma da ação investigativa. Descobrir essa verdade, encontrar as provas, enfim, buscar, com isenção, o melhor caminho para revelar os fatos ao leitor, telespectador ou ouvinte é a obrigação primeira do jornalista. É o seu imperativo ético".

(Em: Caldas, Álvaro (org.). Deu no jornal: o jornalismo impresso na era da Internet. – Ed. PUC-Rio; Loyola, 2002, p. 197). <http://www.opovo.com.br/app/opovo/opiniao/2014/01/18/noticiasjornalopiniao,3192924/um-olhar-critico-sobre-o-jornal.shtml>

### Texto 3

Vivemos uma etapa da história em que somos bombardeados a todo momento por um excesso de informações, não raras vezes díspares e contraditórias, a ponto de, em determinadas circunstâncias, ficarmos sem saber mesmo em que ou em quem acreditar. Diante de tal situação, os meios de comunicação de massa desempenham um papel importantíssimo como veículos privilegiados de disseminação da informação. Ao tempo em que noticiam fatos e acontecimentos, atuam também como formadores de opinião. Nesse sentido, o seu papel é de capital importância. Não se deve olvidar que as informações nem sempre são objetivas ou isentas. As empresas de comunicação estão imersas em uma sociedade movida por interesses de natureza política, financeira etc. Tais interesses, em certos momentos, podem comprometer seriamente o enfoque adotado em face da informação levada a público.

<http://www.opovo.com.br/app/opovo/opiniao/2014/01/18/noticiasjornalopiniao,3192924/um-olhar-critico-sobre-o-jornal.shtml>

**Texto 4**

<p>Chapeuzinho Amarelo – poema de Chico Buarque de Holanda</p> <p>Era a Chapeuzinho Amarelo Amarelada de medo Tinha medo de tudo, aquela Chapeuzinho.</p> <p>Já não ria Em festa, não aparecia Não subia escada, nem descia Não estava resfriada, mas tossia Ouvia conto de fada, e estremezia Não brincava mais de nada, nem de amarelinha</p> <p>Tinha medo de trovão Minhoca, pra ela, era cobra E nunca apanhava sol, porque tinha medo da sombra</p> <p>Não ia pra fora pra não se sujar Não tomava sopa pra não ensopar Não tomava banho pra não descolar Não falava nada pra não engasgar Não ficava em pé com medo de cair Então vivia parada, deitada, mas sem dormir, com medo de pesadelo Era a Chapeuzinho Amarelo</p> <p>E de todos os medos que tinha O medo mais que medonho era o medo do tal do LOBO. Um LOBO que nunca se via, que morava lá pra longe, do outro lado da montanha, num buraco da Alemanha, cheio de teia de aranha, numa terra tão estranha, que vai ver que o tal do LOBO nem existia.</p> <p>Mesmo assim a Chapeuzinho tinha cada vez mais medo do medo do medo do medo de um dia encontrar um LOBO Um LOBO que não existia.</p> <p>E Chapeuzinho amarelo, de tanto pensar no LOBO, de tanto sonhar com o LOBO, de tanto esperar o LOBO, um dia topou com ele que era assim: carão de LOBO, olhão de LOBO, jeitão de LOBO, e principalmente um bocão tão grande que era capaz de comer duas avós, um caçador, rei, princesa, sete panelas de arroz... e um chapéu de sobremesa.</p>	<p>Mas o engraçado é que, assim que encontrou o LOBO, a Chapeuzinho Amarelo foi perdendo aquele medo: o medo do medo do medo do medo que tinha do LOBO.</p> <p>Foi ficando só com um pouco de medo daquele lobo. Depois acabou o medo e ela ficou só com o lobo.</p> <p>O lobo ficou chateado de ver aquela menina olhando pra cara dele, só que sem o medo dele. Ficou mesmo envergonhado, triste, murcho e branco- azedo, porque um lobo, tirado o medo, é um arremedo de lobo. É feito um lobo sem pelo. Um lobo pelado.</p> <p>O lobo ficou chateado. Ele gritou: sou um LOBO! Mas a Chapeuzinho, nada. E ele gritou: EU SOU UM LOBO!!! E a Chapeuzinho deu risada. E ele berrou: EU SOU UM LOBO!!!!!!!!!!!!</p> <p>Chapeuzinho, já meio enjoada, com vontade de brincar de outra coisa. Ele então gritou bem forte aquele seu nome de LOBO umas vinte e cinco vezes, que era pro medo ir voltando e a menininha saber com quem não estava falando:</p> <p>LO BO LO BO LO BO LO BO LO BO LO BO LO BO LO BO LO BO LO BO LO</p> <p>Aí, Chapeuzinho encheu e disse: "Pára assim! Agora! Já! Do jeito que você tá!" E o lobo parado assim, do jeito que o lobo estava, já não era mais um LO-BO. Era um BO-LO. Um bolo de lobo fofo, tremendo que nem pudim, com medo de Chapeuzim. Com medo de ser comido, com vela e tudo, inteirim.</p> <p>Chapeuzinho não comeu aquele bolo de lobo, porque sempre preferiu de chocolate. Aliás, ela agora come de tudo, menos sola de sapato. Não tem mais medo de chuva, nem foge de carrapato. Cai, levanta, se machuca, vai à praia, entra no mato, Trepas em árvore, rouba fruta, depois joga amarelinha, com o primo da vizinha, com a filha do jornalista, com a sobrinha da madrinha e o neto do sapateiro.</p> <p>Mesmo quando está sozinha, inventa uma brincadeira. E transforma em companheiro cada medo que ela tinha:</p> <p>[...]</p>
---	--

Texto 5



Ao ler o Texto 1, um verbete sobre MITO, você pôde constatar que as definições resumem-se a dois enfoques principais: (A) **mito como elemento da fantasia e do lúdico** (três primeiras definições);

(B) **mito como falseamento da realidade** (três últimas definições).

Para desenvolver sua redação, você deve adotar um desses enfoques – (A) ou (B) –, que estão contemplados, respectivamente, nas sugestões de escrita **1** e **2**, a seguir:

**Sugestão 1:** Adotando o mesmo procedimento de Chico Buarque de Holanda, que no Texto 4 desconstrói o mito Chapeuzinho Vermelho (a menina inocente e o lobo mau), reescreva outra história (conto, fábula ou lenda) conhecida. (Observação: a narrativa deve ser escrita em prosa, **NÃO** em verso).

**Sugestão 2:** Em um artigo de opinião, critique o que você considera um mito criado pelos meios de comunicação atuais usando argumentos para desconstruí-lo.

## PROVA II - LÍNGUA PORTUGUESA

### Texto 1

#### Comunicação e alteridade

1 Na nossa vida de todo dia, estamos  
2 sempre em contato com outras pessoas.  
3 Esse contato frequente acontece a partir das  
4 afinidades e das semelhanças, mas inclui  
5 também as relações de diferença entre o que  
6 pertence ao “eu” e o que diz respeito ao  
7 “outro”. Para se referir a essas relações,  
8 costuma-se utilizar uma noção importante:  
9 alteridade.  
10 A palavra alteridade, ao pé da letra,  
11 significa “natureza do que é outro”. Para  
12 entender melhor seu significado, podemos  
13 opô-la a expressões como “identidade” e  
14 “subjetividade”. As relações de alteridade  
15 dizem respeito às diferenças que perpassam  
16 o nosso cotidiano, e que podem se  
17 manifestar nas divergências de opinião em  
18 um debate, na diversidade de preferências  
19 que define as comunidades nas redes sociais,  
20 ou podem estar presentes em questões bem  
21 mais complicadas, como as diferenças de  
22 nacionalidade, de raça, de religião, de  
23 gênero ou de classe social, que motivam  
24 conflitos dos mais diversos.  
25 Perceber as relações de alteridade entre  
26 várias pessoas nos leva não apenas a  
27 identificar os traços dessas diferenças – de  
28 nacionalidade, de cor da pele, de sotaque –,  
29 mas a considerar como se produzem,  
30 socialmente, tanto a diferença quanto a  
31 identidade. É preciso compreender que o  
32 “eu” e o “outro” não são entidades fixas e  
33 isoladas, mas se constituem na relação: nós  
34 só nos tornamos quem somos a partir da  
35 visão do outro, assim como o outro só se  
36 torna diferente de nós porque projetamos  
37 sobre ele um olhar que o diferencia. Ainda  
38 que, muitas vezes, seja difícil perceber,  
39 nessa jornada ocorre um processo contínuo  
40 de diferenciação: eu sou desse jeito, e não  
41 daquele outro; eu gosto dessas coisas, e não  
42 dessas outras.  
43 Um processo semelhante acontece com as  
44 identidades coletivas (sejam elas nacionais,  
45 étnicas, sexuais, religiosas ou outras). Elas  
46 não são “essências”, mas sim construídas  
47 histórica e socialmente: o “ser brasileiro” não  
48 significa somente “ter nascido no Brasil”,  
49 mas sim fazer parte de uma identidade que  
50 se transforma com o passar do tempo. Dizer  
51 “sou brasileiro” significa dizer,  
52 implicitamente, “não sou argentino”, “não  
53 sou chinês”, “não sou moçambicano”.  
54 Identificar-se com um grupo é diferenciar-se  
55 de outro, estabelecer fronteiras entre “nós” e  
56 “eles”, em um processo que é permeado não  
57 apenas por escolhas, mas também por  
58 tentativas de fixar as identidades, dizendo –

59 muitas vezes implicitamente – que ser de um  
60 jeito é normal, mais correto ou melhor. Fixar  
61 uma determinada identidade como a norma  
62 é uma das formas privilegiadas de  
63 hierarquização das identidades e das  
64 diferenças. Normalizar significa eleger –  
65 arbitrariamente – uma identidade específica  
66 como o parâmetro em relação ao qual as  
67 outras identidades são avaliadas e  
68 hierarquizadas. Normalizar significa atribuir a  
69 essa identidade todas as características  
70 positivas possíveis, em relação às quais as  
71 outras identidades só podem ser avaliadas  
72 de forma negativa.  
73 O processo de produção das identidades e  
74 das diferenças envolve muitos conflitos. Esse  
75 processo não é ingênuo, mas sim permeado  
76 por relações de poder.

#### Ficha técnica do texto “Comunicação e alteridade”:

Associação Imagem Comunitária  
Concepção: Beatriz Bretas, Samuel Andrade e  
Victor Guimarães  
Redação: Victor Guimarães

**01.** A leitura do primeiro parágrafo oferece-nos elementos para chegar a algumas conclusões. Assinale o item que traz a conclusão autorizada por esse parágrafo.

- A) No dia a dia, vemos pessoas que têm a nossa identidade e outras que não a têm.
- B) No encontro face a face, costumamos mais captar a alteridade.
- C) Tendemos a nos aproximar das pessoas que nos parecem semelhantes a nós mesmos.
- D) Temos tendência a agredir os que nos parecem diferentes de nós.

**02.** Assinale a afirmação que está amparada pelas informações do texto.

- A) Quando alguém acusa o outro de incoerência, parte de um parâmetro de coerência que é comum a esse alguém (o **eu**) e ao **outro**.
- B) Há uma relação entre as muitas diferenças apontadas no **eu** pelo **outro** e o surgimento do preconceito.
- C) Se alguém afirma que a comunidade X é desonesta, conhecendo-a superficialmente, faz uma generalização perigosa.
- D) À proporção que um povo colonizado se diferencia de seu colonizador, vai perdendo sua identidade.

**03.** Observe a estrutura do texto e assinale a afirmação verdadeira em relação a ele.

- A) O primeiro parágrafo peca estruturalmente pela ausência de um tópico frasal que oriente o leitor.
- B) O primeiro parágrafo traz os três enunciados que o constituem perfeitamente conectados por expressões referenciais.
- C) A passagem entre um parágrafo e outro é feita ora com elementos linguísticos claramente expressos no texto, ora somente com a continuação da ideia.
- D) O último parágrafo conclui somente o terceiro parágrafo e não o texto em sua totalidade.

**04.** A expressão idiomática “ao pé da letra” (linha 10) significa que uma manifestação linguística (um enunciado, um sintagma, um vocábulo)

- A) deve ser entendida no sentido exato, preciso, literal, no seu sentido primeiro, sem a interferência do subjetivismo do leitor.
- B) deve ser entendida a partir das experiências de vida do leitor e do conhecimento, por parte dele, de que uma palavra pode variar de sentido de acordo com o contexto em que aparece.
- C) exige do leitor o conhecimento profundo do idioma em que foi escrita e do contexto sociocultural em que se deu a enunciação.
- D) requer do leitor o conhecimento de outras línguas onde a expressão também é usada.

**05.** Atente às relações sintáticas entre os elementos do excerto transcrito (linhas 14-24): “As relações de alteridade dizem respeito às diferenças **que** (1) perpassam o nosso cotidiano, e **que** (2) podem se manifestar nas divergências de opinião em um debate, na diversidade de preferências **que** (3) define as comunidades nas redes sociais, ou podem estar presentes em questões bem mais complicadas, como as diferenças de nacionalidade, de raça, de religião, de gênero ou de classe social, **que** (4) motivam conflitos dos mais diversos”.

Marque a opção que expressa a relação correta dos “**quês**”.

- A) O antecedente do “**que**” (1) é a expressão **as relações de alteridade**.
- B) O “**que**” (4) tem como núcleo do seu antecedente o substantivo **questões**.
- C) O núcleo do antecedente do “**que**” (3) é o substantivo **preferências**.
- D) O antecedente do “**que**” (2) é **o nosso cotidiano**.

**06.** Observe o trecho transcrito: “Elas [as identidades coletivas] não são ‘essências’, mas sim construídas histórica e socialmente:” (linhas 45-47). Verifica-se, nesse trecho, quebra de paralelismo sintático. Assinale a opção em que o paralelismo foi recuperado e o enunciado permanece com o mesmo sentido do texto.

- A) Elas não são tidas como “essências”, por isso são construídas histórica e socialmente.
- B) Elas não são como “essências”, mas foram construídas histórica e socialmente.
- C) Embora construídas histórica e socialmente, elas não são “essências”.
- D) Elas não são “essências”, mas sim construídas históricas e sociais.

**07.** No dia 18 de maio do ano em curso, um domingo, ocorreu grave acidente com um ônibus da empresa Princesa dos Inhamuns, que saíra do município de Boa Viagem, no interior do Ceará. Morreram em torno de vinte pessoas. No dia seguinte, foram postados na Internet comentários como os que seguem: **1) A notícia boa é que esse povinho não virá poluir meu RGS; 2) Não sabia que havia ônibus no Ceará. Tá evoluindo. Kkkkkk; 3) Com todo o respeito, mas... 20 eleitores do PT a menos; 4) Será que o acidente poderia ter sido evitado se as pessoas (cearenses) tivessem sentado uma de cada lado? Vai ver o peso da cabeça chata fez o ônibus tombar... eu tinha 2 Kg de mandioca para dar a esse povo... o que eu faço agora?**

Abaixo há quatro assertivas a respeito dos comentários destacados acima, as quais são apoiadas nas ideias do texto 1. Assinale a alternativa **INCORRETA**.

- A) O olhar que os comentaristas (os **eus**) lançaram sobre as vítimas do acidente (os **outros**) refletem desprezo, desrespeito, escárnio, aviltamento, desconsideração.
- B) Os comentários não podem ser entendidos como simples brincadeira, como uma gozação ingênua e sem consequências, mas como um indício de hierarquização a partir dos parâmetros dos comentaristas.
- C) Os comentários revelam um jogo de poder: o eu deseja que o outro se conserve hierarquicamente no lugar de sempre, certamente com medo de que ele lhe usurpe o poder.
- D) Os comentários são decorrentes do desconhecimento da realidade do Nordeste e do nordestino e não do preconceito.

**08.** Na coluna 1, encontram-se palavras ou expressões que, no texto, são retomadas pelas palavras e expressões que estão na coluna 2. Numere a coluna 2 de acordo com a 1.

Coluna 1	Coluna 2
1. "alteridade" (linha 9)	( ) (perceber) "as relações de alteridade [...]"
2. "as relações de alteridade" (linha 14)	( ) "um processo semelhante"
3. "um processo contínuo de diferenciação" (linhas 39-40)	( ) "a palavra alteridade"
4. "um processo [que é permeado...]" (linhas 56-57)	( ) "O processo de produção das identidades e das diferenças"
5. "muitos conflitos" (linha 74)	

Está correta, de cima para baixo, a seguinte sequência:

- A) 2, 3, 1, 4.
- B) 1, 5, 3, 4.
- C) 5, 4, 1, 2.
- D) 2, 1, 4, 3.

**09.** Considere o enunciado seguinte e o que se diz sobre as relações sintáticas que ele mantém: "O processo de produção das identidades e das diferenças envolve muitos conflitos" (linhas 73-74).

- I. Os vocábulos **processo** e **produção** são substantivos abstratos.
- II. A expressão preposicionada **de produção** [...] relaciona-se com o substantivo **processo**, completando-lhe o sentido; o mesmo acontece entre as expressões preposicionadas **das identidades** e **das diferenças** e o substantivo **produção**.
- III. A expressão **de produção** deve ser classificada como complemento do vocábulo **processo**; enquanto as expressões **das identidades** e **das diferenças**, como complemento indireto (objeto indireto) do verbo **envolver** (envolve). Esse verbo tem como complemento direto (objeto direto) "**muitos conflitos**".

Está correto o que se diz em

- A) I, II e III.
- B) II e III apenas.
- C) I e II apenas.
- D) III apenas.

## Texto 2

### Barcos de Papel

- 77 Quando a chuva cessava e um vento fino  
78 Franzia a tarde úmida e lavada  
79 Eu saía a brincar pelas calçadas  
80 Nos meus tempos felizes de menino.
- 81 Fazia de papel, toda uma armada  
82 E, estendendo meu braço pequenino  
83 Eu soltava os barquinhos sem destino  
84 Ao longo das sarjetas, na enxurrada...
- 85 Fiquei moço. E hoje sei, pensando neles,  
86 Que não são barcos de ouro os meus ideais  
87 São barcos de papel, são como aqueles:
- 88 Perfeitamente, exatamente iguais!  
89 Que os meus barquinhos, lá se foram eles!  
90 Foram-se embora e não voltaram mais.

(Guilherme de Almeida. In *Acaso*.)

**10.** O poema de Guilherme de Almeida, "Barcos de Papel", estrutura-se binariamente. Assinale a opção cujo dualismo **NÃO** se encontra no poema.

- A) Nascimento e morte.
- B) Passado e presente.
- C) Infância e maturidade.
- D) Ilusão e desengano.

**11.** Em relação às ideias do poema, escreva **V** para o que for verdadeiro e **F** para o que for falso.

- ( ) Nas duas primeiras estrofes do poema, a voz que se ouve é a do menino. Nas duas últimas, a voz do adulto.
- ( ) Na primeira estrofe, o vocábulo "chuva" deve ser lido como uma metáfora para pranto.
- ( ) Nos dois primeiros versos, o poeta trabalhou as percepções tátil, visual, olfativa e auditiva.
- ( ) No sintagma "vento fino", há uma combinação inusitada entre o substantivo "vento" e o adjetivo "fino". Essa combinação substitui o clichê "vento frio". As duas expressões se misturam em nossa mente, levando-nos a sentir com mais intensidade o que diz o texto.

Está correta, de cima para baixo, a sequência seguinte:

- A) F, F, V, V.
- B) F, V, F, V.
- C) V, F, V, F.
- D) V, F, F, V.



**12.** Geralmente o binarismo do plano do conteúdo é revelado no plano da expressão. Assinale a opção em que o binarismo do conteúdo do poema **NÃO** se reflete no nível da forma.

- A) O texto divide-se em duas partes: a primeira formada pelos dois quartetos e a segunda, pelos dois tercetos.
- B) Os dois quartetos são formados de decassílabos, versos de dez sílabas métricas; os dois tercetos, de versos de oito sílabas ou octossílabos.
- C) Para marcar a mudança do tempo, na primeira parte, o poeta emprega a expressão “Nos meus tempos felizes de menino” e, na segunda, “Fiquei moço”.
- D) Os verbos da primeira parte estão no pretérito imperfeito do indicativo, enquanto os da segunda parte dividem-se em dois grupos: os verbos no primeiro terceto estão (com exceção de fiquei) no presente do indicativo, e os do segundo terceto, no pretérito perfeito do indicativo.

**13.** Atente aos dois versos finais do poema e ao que se diz sobre eles.

- I. O verbo **ir**, no pretérito perfeito (foram), foi usado no interior do verso 13 (linha 89) e no início do verso 14 (linha 90), constituindo uma figura de linguagem que tem função textual: reforçar o sentido do verbo **ir**, sugerindo que os ideais do eu poético se foram de vez, sem possibilidade de retorno.
- II. O verbo **ir** (foram) vem acompanhado do pronome **se**, primeiro, em posição proclítica, depois, em posição enclítica. Esse pronome não tem função sintática, mas função textual. O pronome repetido é mais um recurso que reforça o desengano do sujeito lírico.
- III. Os dois diminutivos do texto – pequenino e barquinhos – indicam apenas dimensão. De fato, os braços de uma criança são realmente pequenos.

Está correto o que se diz somente em

- A) I e II.
- B) I e III.
- C) II.
- D) II e III.

**14.** Os termos que compõem a primeira estrofe do texto 2 (quatro versos que formam um único período) foram deslocados. Assinale a única alteração que muda o sentido original dos versos.

- A) Quando, nos meus tempos felizes de menino, / a chuva cessava e um vento fino / Franzia a tarde úmida e lavada / Eu saía a brincar pelas calçadas /.
- B) Nos meus tempos felizes de menino / Quando a chuva cessava e um vento fino / Franzia a tarde úmida e lavada / Eu saía a brincar pelas calçadas /.
- C) Quando eu saía a brincar pelas calçadas / Nos meus tempos felizes de menino / A chuva cessava e um vento fino / Franzia a tarde úmida e lavada.
- D) Eu saía a brincar pelas calçadas / Quando a chuva cessava e um vento fino / Franzia a tarde úmida e lavada, / Nos meus tempos felizes de menino.

**Jorge de Lima** (\*1893, em União-AL †1953, no Rio de Janeiro), poeta, mas também médico e pintor, compôs seus primeiros poemas sob a égide passadista. Em 1925, no entanto, adere ao Modernismo, publicando um folheto intitulado *O mundo do menino impossível*, onde reúne alguns de seus poemas livres. O ano de 1928 foi o de *Essa negra Fulô*, talvez sua obra mais lida. O ano de 1935 é marcado por sua conversão ao Catolicismo. Passa, a partir de então, a construir uma obra marcada por uma temática cristã de sentido bíblico e apocalíptico. Em 1952, lança *Invenção de Orfeu*, um longo poema hermético dividido em 10 partes ou cantos, como *Os Lusíadas*, de Camões, por meio do qual o poeta, segundo suas palavras, queria modernizar a epopeia clássica. São ainda palavras de Jorge de Lima: “A ideia central desse poema [*Invenção de Orfeu*] é a epopeia do poeta olhado como herói diante das vicissitudes do mundo através do tempo e do espaço. O que atravessa o poema de ponta a ponta é o drama da Queda. Sem a Queda não haveria história, não haveria Epopeia. O poeta é o seu herói”. O texto 3 que vem a seguir foi extraído desse grande poema intitulado *Invenção de Orfeu*.

(Observação: Orfeu, personagem da mitologia grega, é considerado o músico por excelência, o músico e o poeta. Tocava lira e cítara, da qual teria sido o inventor.)

**Texto 3**

91 Qualquer que seja a chuva desses campos  
92 devemos esperar pelos estios;  
93 e ao chegar os serões e os fiéis enganos  
94 amar os sonhos que restarem frios.

95 Porém se não surgir o que sonhamos  
96 e os ninhos imortais forem vazios,  
97 há de haver pelo menos por ali  
98 os pássaros que nós idealizamos.

99 Feliz de quem com cânticos se esconde  
100 e julga tê-los em seus próprios bicos,  
101 e ao bico alheio em cânticos responde.

102 E vendo em torno as mais terríveis cenas,  
103 possa mirar-se as asas depenadas  
104 e contentar-se com as secretas penas.

(LIMA, Jorge de. In: *Invenção de Orfeu*. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1967. p. 57-58.)

**15.** Assinale a opção que traz corretamente a ideia geral do poema, representada em uma oposição básica.

- A) maldade vs. bondade
- B) impaciência vs. tranquilidade
- C) dificuldade vs. aceitação da dificuldade
- D) tristeza da velhice vs. alegria da juventude

**16.** Compare os dois poemas e atente ao que se diz.

- I. O poema de Jorge de Lima é direcionado para o plano do espírito, enquanto o de Guilherme de Almeida é direcionado para o plano dos sentimentos.
- II. O poema de Jorge de Lima tem uma dicção universal, enquanto o de Guilherme de Almeida desenvolve-se em uma linha particular, intimista.
- III. O poema de Jorge de Lima traz uma mensagem de aceitação e fé; o de Guilherme de Almeida, uma mensagem de ceticismo e desânimo.

Está correto o que se diz em

- A) I e II apenas.
- B) I, II e III.
- C) II e III apenas.
- D) I e III apenas.

**17.** Nas duas primeiras estrofes, o eu poético

- A) exorta a que se valorize o pouco que se tem.
- B) ensina como vencer os problemas.
- C) faz a apologia da coragem diante dos obstáculos.
- D) aconselha que se seja indiferente ao sofrimento.

**18.** Entre os versos 1 e 2, infere-se uma relação semântica de

- A) causa.
- B) concessão.
- C) consequência.
- D) finalidade.

**19.** Assinale a opção que traz um comentário **INCORRETO** sobre o texto 3.

- A) Nos dois primeiros versos, o vocábulo "chuva" se opõe ao vocábulo "estios". Os dois são metafóricos: o primeiro significa tempos difíceis, e o segundo, tempos amenos.
- B) Os vocábulos "serões" e "enganos" no terceiro verso (linha 93) apontam para a velhice, quando os sonhos permanecem, mesmo sem a expectativa de realização.
- C) O poema constitui uma alegoria do desejo humano de libertar-se das contingências terrenas e atingir o plano da divindade.
- D) Os pássaros que aparecem a partir do oitavo verso (linha 98) devem ser entendidos como animais terrenos que indicam a materialidade da vida.

**20.** Observe o que é dito sobre o uso do vocábulo "penas" no último verso do poema (linha 104).

- I. É um substantivo concreto que indica a penugem dos pássaros.
- II. É um substantivo abstrato, que se refere aos sofrimentos humanos, mas também à compaixão e à piedade.
- III. É ambíguo: o poeta joga com as duas acepções apresentadas.

É correto o que se afirma em

- A) I e II apenas.
- B) II e III apenas.
- C) I, II e III.
- D) I e III apenas